

O filme *As Horas* e os diferentes modos de produção da subjetividade feminina: da sociedade disciplinar à sociedade de controle

PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA*

Virginia Woolf está sentada no banco de uma estação de trem. Leonard, seu marido, chega correndo esbaforido. Ela tinha saído sem avisá-lo, pois não agüentava mais Richmond, uma cidade pequena e pacata, que havia sido recomendada pelos médicos da escritora para o tratamento de suas crises de dor de cabeça, perdas de memória e alucinações auditivas. Tinha, também, tentado se matar duas vezes. E, para os médicos, Londres era apontada como uma das grandes causadoras desses sintomas. Para ela, porém, era a agitação da cidade grande que a fazia viver. Não via vida nos subúrbios. E, por isso, entre morar em Richmond e a morte, era a última opção que lhe parecia a melhor escolha. Ela diz a Leonard: “Minha vida foi roubada de mim”. Ele, preocupado com a saúde de sua mulher, apegava-se aos conselhos médicos, com a certeza de que somente eles poderiam mostrar o caminho certo para a cura de todos os problemas apresentados. Mas ela não cede a essa imposição, e fala ao seu marido:

Vivo em uma cidade em que não gostaria de morar, vivo uma vida que não desejei viver. Como isso foi acontecer?(...) Se eu pensasse com clareza Leonard eu lhe diria que eu luto sozinha na mais profunda escuridão e que apenas eu posso entender minha condição. Você diz que vive sob a ameaça de minha extinção. Leonard, eu também vivo. É meu direito. É o direito de todo ser humano. Eu não escolho o marasmo sufocante do subúrbio, mas o solavanco violento da capital. Essa é minha escolha. Ao mais louco dos pacientes, até ao mais humilde é permitido dizer algo sobre sua prescrição. Isso define a sua humanidade. Eu queria, por você, que eu pudesse ser mais feliz nessa quietude.

Para Virginia Woolf, morar em uma cidade pequena representava um aprisionamento. E, além do mais, a presença dos médicos dando-lhe ordens o tempo inteiro faziam-na ficar afastada das coisas que mais admirava: as festas de Londres, suas ruas movimentadas, a violência do cotidiano de uma capital. Isso significava, para ela, a vida, por mais que lhe trouxesse instabilidades. Era essa a sua escolha. Depois de

* Doutoranda pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista da CAPES-PDEE.

convencer Leonard a voltar para Londres, ela finaliza o diálogo na estação de trem com a seguinte frase: “Você não pode encontrar a paz evitando a vida”.

*

A cena acima faz parte do filme *As Horas* (DALDRY, 2002), que se baseia em um livro homônimo de Michael Cunningham (CUNNINGHAM, 1999). Ganhador do Prêmio Pulitzer, ele conta a história de três mulheres em tempos históricos diferentes: a escritora Virginia Woolf, na década de 1920, a dona de casa Laura Brown, em 1950, e a editora de livros Clarissa Vaughn, no começo do século XXI. Essas personagens têm suas vidas interligadas por outro livro, publicado em 1925 por Virginia Woolf: *Mrs. Dalloway* (WOOLF, 1980). O diretor de *As Horas*, Stephen Daldry, já havia contado no cinema, com o filme *Billy Elliot* (DALDRY, 2000), uma história encantadora: a luta de um menino inglês na década de 1970, filho de um operário, para conseguir viver a sua grande paixão, a dança.

Em *As Horas*, como explicarei a seguir, as três mulheres também participam, cada uma à sua maneira, de uma luta pela vida. Virginia Woolf, interpretada por Nicole Kidman, escreve *Mrs. Dalloway* e decide-se entre matar ou não a sua heroína. Laura, vivida por Julianne Moore, encarna essa dúvida em sua própria vida: grávida e descontente com o casamento, um dia sai de casa decidida a se matar. Mas a escritora não mata a heroína de sua história, e sim o poeta. Laura, de forma concomitante no filme, opta por viver. O seu filho Richard (Ed Harris), porém, suicida-se anos mais tarde. Clarissa Vaughn (Meryl Streep), como a outra Clarissa, a grande personagem do livro de Virginia, está preparando uma festa.

A cena inicial mostra que enquanto Woolf escreve a primeira frase de seu livro, Laura começa a lê-lo, mas é Clarissa, já no século XXI, que consegue pronunciá-la à sua companheira: “Sally, eu mesma vou comprar as flores”. Mais tarde, é o próprio Richard que relembra novamente o livro de Virginia, atestando claramente o que sentia Clarissa: “Ah! Mrs. Dalloway, sempre dando festas para encobrir o silêncio”.

Escolhi o filme *As Horas* para entender as diferenças na produção da subjetividade moderna. Desse modo, a partir da crise de uma das instituições mais significativas para a sociedade disciplinar, a família, procuro entender como a produção da subjetividade feminina se modificou.

*

Sobre os esquemas de docilidade disciplinar, Foucault lembra que se em qualquer sociedade o corpo estava preso a sistemas de poder, o século XVIII inaugura novas técnicas: primeiramente em relação à escala do controle. Nessa concepção, o corpo deve ser trabalhado detalhadamente, exercendo-se uma coerção contínua sobre ele. Além disso, o objeto do controle não era mais o seu comportamento ou a sua linguagem, mas a sua economia, a eficácia dos seus movimentos. Ainda, era importante a sua modalidade, tornando-se presente uma coerção ininterrupta sobre o tempo, o espaço e os movimentos. Essas técnicas são denominadas de maneira característica: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade, utilidade, são o que podemos chamar de disciplinas”. (FOUCAULT, 1994: 34).

Há, portanto, um movimento de diferenciação e caracterização desse controle. Ele não é pressuposto e não perpassa todas as sociedades funcionando da mesma forma. Ele é histórico e nasceu em um determinado momento e, por isso, as suas especificidades devem ser enfatizadas. Ao comentar sobre esse procedimento, Roberto Machado afirma:

Essa análise (...) é histórica e específica. Não é, certamente, todo poder que individualiza, mas um tipo específico que (...) Foucault intitulou disciplina. Além disso, esse poder é característico de uma época, de uma forma específica de dominação. (MACHADO, 1978: XX).

Outro procedimento adotado por Foucault é o de não tratar essa “anatomia política” como uma descoberta súbita, mas como uma multiplicidade de processos que funcionam nos colégios, nas escolas primárias, no espaço hospitalar e na organização militar. Entretanto, ele não está interessado nas diferenças presentes nas histórias dessas diversas instituições, mas na localização de exemplos e de técnicas comuns que se generalizam por todo o corpo social, como são definidos a seguir:

Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes ínfimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova “microfísica do poder”; e porque não cessaram, desde o século XVII, de ganhar campos cada vez mais vastos, como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro. (FOUCAULT, 1994: 128).

Acredito que a forma específica de produção da subjetividade na sociedade disciplinar pode ser entendida através da personagem Laura. Sua história se passa em Los Angeles, na década de 50 do século XX. Ela é casada, possui um filho e está grávida novamente. A rotina da casa expressa o molde da família nuclear constituída pelo casal e pelos filhos. A mulher fica dentro de casa, enquanto o marido sai de manhã para o trabalho e só volta à noite. Noto aí a demarcação do público e do privado atravessada pelas relações de gênero, e com bem explicitou Michael Hardt (HARDT, 2000), da diferenciação apresentada na sociedade disciplinar entre o dentro e o fora.

A produção da subjetividade da mulher se dá, portanto, na instituição familiar. Ela está atrelada ao marido e a sua figura não está dissociada da mãe. A subjetividade feminina, assim, é produzida através de uma identidade fixa: a da mãe. Essa associação pode ser percebida no diálogo de Laura com a sua vizinha, que possui problemas para engravidar. A frustração dessa personagem é marcante, já que ela havia conquistado tudo, mas não tinha conseguido ser mãe, considerado por ela o seu maior e mais importante desejo entre todos os outros. A própria personagem afirma que uma mulher só se sentiria completa tornando-se mãe.

Os serviços de casa e o cuidado com o filho também estão muito presentes, e a cena em que Laura está fazendo um bolo para o aniversário do marido explicita claramente essas atividades. A adequação da mulher a esta identidade, entretanto, não se dá de maneira tranqüila ou natural. E cada cena que o filme mostra sobre Laura retrata a sua profunda infelicidade com essa situação. Ela não consegue fazer o bolo, culpa-se, joga-o no lixo, demonstrando um descontentamento constante. Depois de pensar em suicidar-se, Laura decide-se pelo abandono dos filhos e de seu marido.

Uma decisão pela vida, pois a rotina familiar, a adequação a uma identidade feminina fixa atrelada à mãe representava, para Laura, a morte, do mesmo modo que significava, para Virginia Woolf, morar em Richmond. A forma da produção da subjetividade baseada principalmente na sujeição, com a obrigatoriedade de se seguir um modelo, faz com que a personagem sofra quando seus sentimentos não se encaixam nessa identidade - como o sentimento amoroso de Laura diante da amiga. Essa situação é caracterizada por Laura como a morte. Para viver, ela pretende escapar dessa sujeição, tentando desligar-se da família. Há, portanto, um lugar para se escapar e há a demarcação de um dentro e de um fora. Lembro, além disso, como destaca Margareth

Rago, que os feminismos foram fundamentais na crítica dessa identidade feminina que atrelava a mulher ao papel exclusivo da maternidade:

Já são inúmeros os estudos, pesquisas, livros, publicações e revistas que desconstruem as muitas leituras sobre o corpo e a fisiologia da mulher, seus sentimentos, desejos e funcionamentos físicos e psíquicos, subvertendo radicalmente a ordem masculina do mundo, especialmente ao desconectar a associação estabelecida entre origem e finalidade, que justificava a definição de uma suposta essência feminina a partir de sua missão para a maternidade. (RAGO, 2004).

*

Ao discutir a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, Gilles Deleuze, na década de 1990, conceituou uma nova forma social que emergiu depois da Segunda Guerra Mundial, com a crise das disciplinas. Em suas palavras: “sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser”. (DELEUZE, 1992: 220). Nessa transformação, ocorreu também a crise das instituições que integravam a sociedade disciplinar que Foucault tratou em *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1994): a prisão, a fábrica, o hospital, a escola e, também podemos acrescentar, a família.

O próprio Foucault, nas décadas de 1970 e 1980, já tinha anunciado essa mudança, em seu texto “A sociedade disciplinar em crise”: “a disciplina, que era eficaz para manter o poder, perdeu uma parte de sua eficácia. Nos países industrializados, as disciplinas entram em crise”. (FOUCAULT, 2006: 268). Nas reflexões que realizou em *Vigiar e Punir*, ele apontou para um desses deslocamentos do funcionamento do poder: a atenção para a gestão da população, chamando-a posteriormente de “bio-poder”. Essa temática também foi desenvolvida nos seus seguintes livros e cursos: *Em Defesa da Sociedade* (FOUCAULT, 1999), *História da Sexualidade I – A vontade de saber* (FOUCAULT, 2005), *Segurança, Território, População* (FOUCAULT, 2008a) e *Nascimento da Biopolítica* (FOUCAULT, 2008b).

Esse poder, centrado na manutenção da vida da população, desenvolveu-se através de duas formas principais de controle: “um, globalizador e quantitativo, concernente à população; o outro, analítico, concernente ao indivíduo”. (FOUCAULT, 1995: 238). Em *História da Sexualidade I*, ele mostra a atenção do poder sobre a

mortalidade, o nascimento e a duração da vida, como a junção de uma “bio-política da população” e de um adestramento do corpo, através de relações de poder que constituem as “disciplinas”. E será exatamente pelo sexo estar relacionado a esses dois pólos de ataque pelos quais o poder sobre a vida se desenvolveu que ele ganhará importância nas sociedades modernas. A sexualidade enquanto verdade do indivíduo integrou o processo de objetivação do sujeito moderno.

A diferença em relação à sociedade disciplinar e à sua forma de produção de subjetividade pode ser percebida no longo diálogo presente no final de *As Horas*, entre as personagens Laura e Clarissa:

Laura: Ele [seu filho Richard] me matou no romance. Eu sei por que ele fez isso. Magoa-me, e não quero fingir que não magoa, mas eu sei por que ele fez isso. Clarissa: Você deixou Richard quando ele era criança. Laura: deixei meus dois filhos, abandonei-os. Dizem que é a pior coisa que uma mãe pode fazer. Você tem uma filha. Clarissa: sim, mas nunca conheci seu pai. Laura: Você queria tanto uma criança. Clarissa: você tem razão. Laura: Você é uma mulher de sorte, há tempos em que não nos pertencemos mais, e você pensa que vai se matar. Uma vez eu fui a um hotel. Tarde da noite fiz um plano: o plano era que deixaria minha família quando meu segundo filho nascesse. E foi o que eu fiz. Acordei uma manhã, fiz o café, fui até o posto de ônibus, entrei no ônibus. Deixei um bilhete. Consegui um emprego em uma livraria no Canadá. Seria maravilhoso dizer que estou arrependida, seria fácil. Mas o que significa arrepender-se quando você não tem escolha? É o que você pode agüentar. Ninguém vai me perdoar. Era a morte. Escolhi a vida.

Nesse encontro, duas subjetividades femininas se contrapõem. A primeira delas é a de Laura, que escapou de uma obrigação que a colocava em um certo estilo de vida fixo, ligado à mãe e à família. Ela comenta que o abandono de uma mãe diante dos filhos seria a pior coisa que uma mãe poderia fazer. Essa reflexão é bastante representativa da forma de produção de subjetividade encontrada na sociedade disciplinar, baseada na fixação e na sujeição do indivíduo a uma identidade. Laura, portanto, não se arrependia de ter deixado a sua família, já que a antiga vida significava, para ela, a morte. O abandono representa uma escolha de Laura pela vida.

Da mesma maneira, pensamentos que tomam a vida como tema de reflexão, como o de Foucault e o de Deleuze compartilham sempre com o poder o mesmo objeto, e confrontam-se com suas estratégias, segundo sublinha Giorgio Agamben. (AGAMBEN, 2004). Os estudos de Foucault sobre o bio-poder nunca deixaram dúvidas sobre essa dimensão. Para o francês, contra esse poder ainda novo no século XIX, as

forças que resistem se apoiaram exatamente naquilo sobre o que ele investe – na vida e no homem enquanto ser vivo. As grandes lutas que questionam o sistema geral de poder, então, já não se fazem mais em nome de um retorno aos antigos direitos. O que foi reivindicado e serve de objetivo é a vida. Desse modo, a vida como objeto político foi tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi ela, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas. Ele complementa:

O “direito” à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o “direito”, acima de todas as opressões e “alienações”, de encontrar o que se é e tudo o que se pode ser, esse “direito” tão incompreensível para o sistema jurídico clássico, foi a réplica política a todos esses novos procedimentos de poder que, por sua vez, também não fazem parte do direito tradicional da soberania. (FOUCAULT, 2005: 136).

Também para Deleuze, segundo Agamben, a vida torna-se resistência ao poder. Na mesma linha, Foucault propõe um conhecimento que não tem mais como correlato a abertura ao mundo e à verdade, mas à vida e ao seu errar. Indo além das vivências e da intencionalidade da fenomenologia (AGAMBEN, 2004: 170), Deleuze aponta para uma noção de vida que não volte a produzir transcendência, deslocando-se para um novo plano de imanência. (DELEUZE, 1995). Enfim, ambos demonstram uma insubmissão às estratégias do bio-poder e da normalização presentes na sociedade moderna. Com eles, assim, são repensadas muitas categorias de nossa tradição filosófica.

Portanto, segundo Foucault, o problema importante para nós atualmente não seria somente liberar o indivíduo do Estado, mas também do tipo de individualização ligado a ele. Uma das novidades trazidas por Kant foi a reflexão sobre a situação do tempo presente e a tentativa de **descobrir** o que somos. Mas, o nosso problema atual é **recusar** o que somos, ou seja, livrar-nos dessa individualidade que nos é colocada de forma coercitiva e normativa, bem no sentido do questionamento e da recusa feitos por Laura Brown.

Sobre essa resistência na modernidade, ele seleciona certas características comuns: elas não são limitadas a nenhum país ou tipo de governo específicos, apesar das particularidades locais de ação apresentadas; o objetivo delas seria a luta contra o próprio poder e o controle minucioso que ele exerce sobre a vida dos indivíduos; elas

criticam as instâncias de poder próximas, sem almejar uma solução futura para os seus problemas, como uma revolução, por exemplo.

Além destas características, Foucault considera as seguintes como mais específicas a tais movimentos: nestes haveria o questionamento do próprio indivíduo, lutando pelo direito de ser diferente e contra aquilo que “força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo” (FOUCAULT, 1995: 235); uma oposição frente às imposições do saber, questionando o seu modo de operar na sociedade e nas suas relações com o poder. Ainda, esses movimentos recusariam a determinação de quem somos por esse poder, criticando o fato da individualidade de cada um ser ignorada. Essas formas de contestação lutam contra um específico tipo de poder:

Essa forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o em sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. (Idem).

É, nessa direção, que Foucault percebe os movimentos sociais a partir dos anos de 1960, como o movimento das mulheres, por exemplo. (FOUCAULT, 1994: 545). Eles não visam o poder político ou o sistema econômico, já que os seus objetivos não são os mesmos que o dos movimentos políticos ou revolucionários tradicionais. Eles estão atentos às instâncias próximas de poder, que se exercem diretamente sobre os indivíduos. São “lutas imediatas”, “lutas anarquistas”. (Idem: 546). Seguindo essas reflexões, Margareth Rago aponta para a especificidade das lutas do feminismo:

Dentre as suas inúmeras críticas, o feminismo investiu incisivamente contra o sujeito, não apenas tendo como alvo a figura do homem universal, mas visando a própria identidade da mulher. Desnaturalizando-a, mostrou o quanto a construção de um modelo feminino universalizante foi imposta historicamente pelo discurso médico vitoriano, pelo direito, pela família, pela igreja, enfim, pelo olhar masculino reforçado, principalmente nos centros urbanos, pelos estímulos da indústria de consumo. (RAGO, 2004).

*

Enquanto as instituições modernas fixavam os indivíduos a uma determinada identidade, regulando-a e moldando-a continuamente, a subjetividade nas sociedades de controle é produzida sob formas mais fluidas, como aponta Deleuze: “Os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante”. (DELEUZE, 1992: 221).

A grande transformação, nesse sentido, deu-se na forma da produção da subjetividade, já que esta, como argumenta Michael Hardt (HARDT, 2000: 368), apoiando-se em Foucault, não seria uma instância dada *a priori*, pois ela se forma no campo das forças sociais. É, por isso, que devemos prestar atenção nas especificidades das instituições sociais, pois: “As práticas materiais oferecidas ao sujeito no contexto da instituição (...) formam o processo de produção da sua própria subjetividade”. (Idem).

Para Clarissa Vaughn, a família nuclear já não está mais presente como um modelo obrigatório. Ter uma filha havia sido uma escolha. Ela queria muito. No entanto, não conheceu o pai de sua própria filha. Percepção, portanto, da ausência de um centro masculino para a família, já que a figura paterna não está mais presente e não gerencia as relações. Crise, assim, da família nuclear. Além disso, o molde da mulher não é mais fixo, e sua identidade não é mais atrelada à mãe. Até a própria noção de identidade passa a ser inadequada, pois não contempla variações e sim definições estanques. São outras as práticas sociais presentes. Há, então, outras formas de constituição da subjetividade feminina.

A história de Clarissa se passa no ano de 2001. Se não há mais instituições demarcadas como a família, e a produção da subjetividade da mulher não está mais associada a uma identidade, à mãe, não podemos concluir que a subjetividade feminina se produz através de processos exclusivos de subjetivação. Além de lembrar que os processos de subjetivação e sujeição nunca estão dissociados na constituição da subjetividade ressaltado, assim como Deleuze, que: “Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições”. (DELEUZE, 1992: 220).

A constituição da subjetividade da mulher no mundo pós-moderno pode ser entendida através da personagem de Clarissa. A mulher não fica mais no privado, lembrando que como a indiferenciação do privado e do público se intensifica cada vez

mais, com a privatização do espaço público, a demarcação dessas instâncias baseada nas relações de gênero também se modificou. As cenas que expressam a preocupação de Clarissa na organização de uma festa e de todas as recordações que ela traria revelam o papel ativo da mulher. Ela é uma editora, e os papéis dos livros a serem publicados estão por toda a casa, mostrando como o mundo público do trabalho aparece e confunde-se claramente com o mundo privado. Acrescenta-se a isso a noção do relacionamento amoroso não ser mais ditado pelo modelo da família nuclear, já que Clarissa relaciona-se com uma mulher. Ainda, ser mãe agora não era mais uma imposição, mas uma escolha. Entretanto, as características exigidas para a mulher pós-moderna também provocam sujeições, já que ela deve sempre parecer forte e confiante.

Como a própria Mrs. Dalloway do livro, Clarissa fazia uma festa para encobrir o seu próprio silêncio. Mostrava-se como uma mulher confiante, fazendo todos pensarem que ela estava bem, mas não era isso que estava acontecendo. A subjetividade fluida da mulher, portanto, também produz sujeições. A subjetividade múltipla da mulher pós-moderna também a impede de encontrar a vida. Mas enquanto Laura escapou de sua identidade ao abandonar a sua família, a sua casa, e conseguir um trabalho em uma livraria no Canadá, Clarissa não teve como escapar e tenta, assim, encontrar a felicidade dentro da sua própria relação, com a filha e a sua parceira. Não há mais um fora e a alternativa da relação diversa da família nuclear, com uma mulher, já foi cooptada pela sociedade de controle e demarcada como todas as outras. A luta pela vida, desse modo, da mulher pós-moderna não comporta mais as escapatórias que a sociedade disciplinar possibilitava. Resta a possibilidade da construção de novas linhas de fuga, que devem, assim como a sociedade de controle, deformar-se e modificar-se continuamente.

*

A grande preocupação de Foucault é recusar o modelo de subjetividade que o Estado produz, para criarmos novos modos de produção da existência e uma “nova economia” das relações de poder. O filme *As Horas* mostra como as três personagens escapam pela produção de outras maneiras de viver, e pelo constante incômodo e insatisfação com o modelo de subjetividade dominado pelas relações de sujeição. As mulheres sentiram fortemente o peso dessas questões e preocuparam-se principalmente,

assim como Foucault, em problematizar o modo pelo qual os indivíduos, na modernidade, aprenderam a se reconhecer como sujeitos de uma sexualidade. (FOUCAULT, 1995: 232). Margareth Rago explicita essa questão, destacando a constante desestabilização das identidades pelo feminismo:

O feminismo, tanto enquanto teoria, como enquanto prática, teve e tem uma função social eminentemente política, por seu potencial profundamente subversivo, desestabilizador, crítico, intempestivo, assim como pela vontade que manifesta de tornar o mundo mais humano, livre e solidário, seguramente não apenas para as mulheres. Por tudo isso, não pode recuar diante do enorme desafio que é uma avaliação contínua das próprias subjetividades e dos estilos éticos/estéticos de existência que promove, impedindo a ação das forças reterritorializantes paralizadoras, pois modos feministas de existir só devem se tornar incômodos enquanto movimentos intensos de afirmação da vida. (RAGO, 2004).

Esse trecho, que mostra claramente a força do feminismo na afirmação da vida, associa-se muito bem à frase final do filme, na qual Virginia Woolf escreve para Leonard as seguintes palavras que, como tentei discutir, acompanharam e serviram de inspiração não somente para a vida de Virginia Woolf, mas também para as existências de Laura Brown e de Clarissa Vaughn:

Querido Leonard, encarar a vida de frente, sempre encarar a vida de frente. E vê-la como ela é. Entendê-la, finalmente. E amá-la do jeito que ela é, e então, deixá-la partir. Leonard. Sempre os anos entre nós. Sempre os anos. Sempre o amor. Sempre as horas.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEM, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. “A Imanência Absoluta”. In: ALLIEZ, Eric (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.

CUNNINGHAM, Michael. *As Horas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DALDRY, S.; FOX, R. e RUDIN, S. *As Horas*. [Filme-Vídeo]. Produção de Robert Fox e Scott Rudin, direção de Stephen Daldry. Estados Unidos, 2002, 114 min.

DALDRY, S.; BRENMAN, G. e FINN, J. *Billy Elliot*. Produção de Greg Brenman e Jonathan Finn, direção de Stephen Daldry. Inglaterra, 2000, 111 min.

DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum. Sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____ « L'immanence : une vie... ». In: *Philosophie 47*. Paris: Minuit, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____ *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____ *História da Sexualidade II – O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____ *Segurança, Território e População: curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____ *Nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____ « La vie: l'expérience et la science ». In: *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001.

_____ *Ditos e Escritos IV – Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____ “O Sujeito e o Poder”. In: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____ “La philosophie analytique de la politique”. In: *Dits et Écrits III (1976-1979)*. Paris: Gallimard, 1994.

HARDT, Michael. “A sociedade mundial de controle”. In: ALLIEZ, Eric (org.). *Gilles Deleuze: Uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MACHADO, Roberto. “Introdução. Para uma genealogia do poder”. In: FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

RAGO, Margareth, “Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos”. In: *Poéticas e políticas feministas*. Org. Cláudia de Lima Costa e Simone Pereira Schmidt. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.